



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-
TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

MALU EGIDIO DA SILVEIRA JABOUR

**O IMPACTO DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ NA
CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO**

MONOGRAFIA

**Belo Horizonte
2019**

MALU EGIDIO DA SILVEIRA JABOUR

**O IMPACTO DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ NA
CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: José Paulo Giovanetti

Belo Horizonte
2019

150 Jabour, Malu Egidio da Silveira.
J11i O impacto da relação mãe-bebê na construção do vínculo
2019 afetivo [manuscrito] / Malu Egidio da Silveira Jabour. - 2019.
31 f.
Orientador: José Paulo Giovanetti.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Psicologia. 2.Mãe e filhos. 3.Afetividade . I. Giovanetti ,
José Paulo. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

RESUMO

O presente estudo procurou investigar o impacto da relação mãe-bebê na construção do vínculo afetivo. Para isso, buscou-se apresentar a relação mãe-bebê e como ela se estrutura, esclarecer a afetividade enquanto dimensão existencial da vida humana e, por fim, como o envolvimento materno impacta na constituição do vínculo afetivo. O trabalho teve como respaldo teórico fundamentos da fenomenologia existencial para estruturação e explicitação dos conceitos apresentados. Foi possível perceber que a qualidade da relação mãe-bebê é essencial para o desenvolvimento saudável da criança, visto que é a partir da relação com a mãe que o bebê constitui toda sua base psíquica e afetiva, que perdura durante toda a existência, impactando sua forma de se relacionar com o mundo.

Palavras chaves: Relação mãe-bebê. Afetividade. Vínculo afetivo.

ABSTRACT

The present study sought to investigate the impact of the mother-baby relationship on the construction of the affective bond. For this, we sought to present the mother-baby relationship and how it is structured, to clarify the affectivity as existential dimension of human life and, finally, how the maternal involvement impacts on the constitution of the affective bond. The work was based on theoretical foundations of existential phenomenology for structuring and explaining the concepts presented. It was possible to perceive that the quality of the mother-baby bond is essential for the healthy development of the child, since it is from the relation with the mother that the baby constitutes all its psychic and affective base, that it lasts throughout existence, impacting its way of relating to the world.

Key words: Mother-baby relationship. Affectivity. Affective bond.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 RELAÇÃO MÃE-BEBÊ.....	6
2 VÍNCULO AFETIVO	12
3 O ENVOLVIMENTO AFETIVO MATERNO NA ESTRUTURAÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO.....	18
CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

A vida humana começa antes do nascimento e cada vez mais os estudos apresentam que a vida intrauterina é um espaço de experiências vitais, onde as bases psíquicas, relacionais e experienciais começam a ser constituídas. Com o nascimento do bebê, mãe e filho deixam de dividir o mesmo corpo, porém, ainda que haja a separação física entre ambos no momento do parto, a conexão que liga esses dois seres em um duo relacional permanece intensa nos dois primeiros anos de vida, para, a partir de então, lenta e gradativamente essa forte conexão ir minimizando ao longo do desenvolvimento da criança.

Além disso, a percepção de mundo se dá desde as primeiras experiências, as vivências iniciais da vida são de grande importância e impacto na constituição do ser. Impacto esse que pode deixar marcas existenciais por toda a vida. A forma como o mundo é apresentado nesse primeiro momento, ou seja, a maneira como a relação bebê-mundo é mediada, torna-se de grande importância para a qualidade de estruturação do ser que encontra-se em desenvolvimento, sendo a mãe o principal mediador dessa construção inicial. A mãe é a figura central na vivência do bebê, podendo essa apresentação do mundo ao bebê dar-se por outra pessoa, porém, o presente trabalho limitar-se-á apenas à figura materna como ponto central dessa relação.

Assim, pretende-se investigar no presente trabalho como a relação mãe-bebê impacta na construção do vínculo afetivo. Para isso, torna-se fundamental compreendermos também como a dimensão afetiva acontece no existir humano. Afinal, a afetividade além de ser uma dimensão humana, também é uma estrutura existencial que norteia toda nossa relação com o mundo.

Para isso, como principal referencial teórico para compreendermos a díade mãe-bebê, basearemos neste estudo os autores Rui Josgrilberg e Laura Gutman, e como referência auxiliar, autores como Thomas Verny, Pamela Weintraub e Fábio Fonseca também serão citados. Para entendermos o aspecto afetivo da dimensão humana, será utilizado como base teórica autores que são referências no tema e na abordagem fenomenológico-existencial: José Paulo Giovanetti e Emílio Romero.

É importante esclarecer que o presente trabalho busca atingir o objetivo proposto a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. No entanto, alguns autores e teorias de outras áreas psicológicas serão apresentados por trazerem

grandes contribuições acerca da temática proposta. A dimensão afetiva será apresentada a partir da perspectiva fenomenológico-existencial e, com base nessa compreensão, apresentaremos os pontos convergentes dos demais autores e teorias e enriquecem e contemplam a visão fenomenológico-existencial da relação mãe-bebê e seu impacto na constituição do vínculo afetivo.

Portanto, para que a leitura seja clara, atrativa e de fácil compreensão, o trabalho será dividido em três tópicos: no primeiro, iremos abordar a *relação mãe-bebê*. Nessa temática apresentaremos como se caracteriza essa relação e qual importância dela na constituição do bebê enquanto um ser existencial. O segundo tópico será dedicado ao *vínculo afetivo*, onde explicitaremos a afetividade enquanto uma dimensão humana e estrutura existencial, bem como a função da dimensão afetiva para a vida humana. Para finalizar, no terceiro tópico será discutido sobre o *envolvimento materno na estruturação do vínculo afetivo*, ou seja, como o envolvimento da mãe na relação com o bebê impacta na forma como o vínculo afetivo se estrutura. Vale ressaltar, que a mãe tem grande impacto existencial nessa relação, principalmente nos 2 primeiros anos vida, por isso, no presente trabalho iremos utilizar o termo “bebê” para se referir do período gestacional aos primeiros 12 meses após o nascimento, e “criança” para a fase posterior, dos 12 aos 24 meses.

1 RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

O ser humano está sempre estabelecendo contato com o mundo à sua volta. Para a fenomenologia, a percepção do mundo acontece por meio da relação com o outro, seja esse outro seus semelhantes, as coisas, objetos imaginados e etc. É através do contato com o mundo que o indivíduo, inserido em sua comunidade e por meio de sua percepção, compõe seu mundo pessoal. A realidade vivida é compreendida a partir do ato de perceber em que, a constituição do ser acontece concomitante ao mundo percebido (FONSECA, 2017).

Ademais, o princípio do processo de constituição do mundo e de si próprio começa desde as primeiras vivências no mundo, e se dá continuamente no decorrer de toda a existência. Ao longo da vida, o corpo vai se transformando de acordo com as possibilidades presentes em cada etapa do desenvolvimento. Essas etapas são marcadas por aspectos existenciais que lhe são próprios, e as possibilidades emergentes de cada uma delas deixam marcas nas fases de vida subsequentes (FONSECA, 2017).

Para começar, de acordo com Fonseca (2017), a mulher no início da gestação vivencia uma eventual quietude. A medida que a gestação vai avançando, o bebê começa a apresentar certa capacidade de reagir ao mundo exterior à mãe, mesmo ainda sem habitá-lo. A mãe reconhece e compreende as transformações que acontecem, nutrindo e sentindo aquele que carrega em seu ventre.

Todavia, a configuração e expressão da vida humana não se limita apenas à matéria, ou seja, ao aspecto biológico, “o corpo humano é uma totalidade voltada para modos de apropriação de sentido e constituição de mundos humanos” (JOSGRILBERG, 2017, p.295). Desde a vida intrauterina, o feto é um ser de sentido que se relaciona ao mundo interno e externo à mãe. Inicialmente, de uma maneira mais sensorial e que vai se desenvolvendo ao longo do crescimento e aprimoramento dos sentidos fetais, incluindo os aspectos cognitivos mais elaborados. O bebê por nascer apresenta comportamentos expressivos em resposta ao seu mundo intrauterino e também aos estímulos que recebe do mundo exterior ao ventre da mãe, não sendo assim, imune à capacidade de sentidos.

As primeiras experiências do bebê com o mundo são fundamentais para a constituição da base do seu processo de desenvolvimento existencial como um todo. Porém, é equivocado pensar que essas primeiras experiências se iniciam somente

após o nascimento, afinal, o bebê gestacional, ou seja, o feto, já é um ser em desenvolvimento que se encontra em constante contato com o mundo através do corpo da mãe, que nesse momento, é seu próprio corpo. Dessa forma, a maneira como a mãe se relaciona com o bebê na barriga, de fato, gera impactos positivos e negativos, constituindo assim suas primeiras vivências no mundo.

Da mesma forma, vale ressaltar que, conforme Romero (2011) apresenta, a interação do ser humano com o ambiente que o cerca é constante e infundável. Esse mundo concreto inclui “os eventos, os objetos e as pessoas que configuram este relacionamento” (2011, p.17), que compõem o ambiente e ressoam de maneira subjetiva a existência da pessoa, impactando de certa forma, a constituição do seu ser.

“A relação transcendental com o sentido das coisas não nasce com a consciência, mas com o corpo (JOSGRILBERG, 2017, p.297)”. É no corpo que ficam registradas as primeiras marcas dotadas de sentido. E é possível perceber a presença da psique no feto através da manifestação de comportamentos expressas como resposta à estímulos emocionais, como por exemplo a voz da mãe, e também a estímulos externos, como o som de uma música (JOSGRILBERG, 2017). Por isso, uma relação saudável da mãe com seu bebê ainda na barriga, é fundamental para que os primeiros registros sejam positivos, abrindo maiores possibilidade de um desenvolvimento existencial saudável.

As relações estabelecidas entre o mundo externo e o bebê são mediadas pela mãe. Durante a gestação, o bebê percebe os movimentos maternos e responde ao humor afetivo vivido pela mãe. O bebê também reage aos contatos com a barriga materna, mesmo sendo estimulado por vozes de outras pessoas, demonstrando assim, certa autonomia enquanto ainda habita o corpo materno (FONSECA, 2017).

Diante disso, Josgrilberg (2017) afirma que o feto absorve em sua pré-corporeidade os sentidos mais sensíveis, constituindo a fundação de seu próprio espaço vital. Enquanto o bebê ainda não habita o mundo concreto é no espaço vital intrauterino que ele vivencia o seu pré-mundo, que é o espaço onde as primeiras predisposições existenciais são formadas. “As evidências científicas de interatividade psíquica no duo mãe e feto podem ser complementadas pela fenomenologia que atribui ao corpo humano uma intencionalidade de base” (JOSGRILBERG, 2017, p.296).

Segundo Josgrilberg (2017, p. 296) “o feto é o fecundado. Indica que tem origem no outro. A vida é dada nos animais como processo geracional de um pelo outro. Somos gerados *pelos* outros e *com* os outros”. O que implica dizer que o início da configuração da vida humana não é meramente biológica, envolve também a troca de interações e sentidos entre o feto e, principalmente, a mãe. Durante o desenvolvimento fetal, ainda não há uma consciência entre o eu e outro enquanto entidades separadas, mas isso não quer dizer que a interação entre esse outro e eu não esteja presente. Esse outro, representado inicialmente pela mãe, se apresenta em um estágio diferente, pois a interação e a intersubjetividade são potencializados pela linguagem, o que é essencial para o desenvolvimento do bebê (JOSGRILBERG, 2017).

O feto é resultado da confluência de duas modalidades de ser; uma, podemos chamar, de a mãe natureza sem subjetividade, mas que incorpora disposições para relações de subjetividade com outros; outra, a mãe pessoa geradora e portadora de subjetividade e embebida de cultura humana. A mãe natureza opera silenciosamente e passivamente no corpo intrauterino. A mãe portadora de subjetividade se torna progressivamente decisiva por assumir os cuidados que são à natureza outra dimensão, compartilhando com o feto aspectos importantes e originários de sua própria subjetividade e seu modo de relação com sentidos (JOSGRILBERG, 2017, p.296).

Quando o bebê nasce, o corpo-grávido da mãe se finda, mas o enlace existencial que conecta mãe e bebê continua presente (FONSECA, 2017). Conforme Gutman (2012), culturalmente estamos habituados a acreditar que o nascimento do ser humano diz respeito à separação física que se dá através do parto. Contudo, o corpo do bebê recém-nascido não se reduz apenas ao aspecto físico e biológico, mas também, fazem parte da constituição desse ser que acaba de nascer um corpo sutil, emocional e espiritual, que já estava em desenvolvimento desde a vida intrauterina. “Embora a separação física aconteça efetivamente, persiste uma união que pertence a outra ordem” (GUTMAN, 2012, p.17).

Além disso, a separação física entre mãe e bebê é apenas o começo de uma longa jornada de construção pessoal e existencial. Conforme Romero e Galeno (2016), são nos três primeiros meses de vida após o nascimento que o bebê entra em contato com as três emoções básicas: a raiva, o medo e a sensação de bem-estar. Os sentimentos vão surgindo a partir do relacionamento interpessoal, ou seja, depois da vivências dessas emoções básicas. Por serem constituídos a partir das relações interpessoais, os sentimentos aprendidos pela criança podem variar de uma cultura

para outra, sendo determinados sentimentos conhecidos por uns e desconhecidos por outros.

Assim, é importante reconhecer que os cuidados que o bebê recebe nos primeiros 24 meses de vida são fundamentais para a estruturação dos sentidos existenciais que emergem. Com isso, a qualidade do vínculo que se estabelece entre a mãe e o bebê é crucial para seu desenvolvimento, afinal a mãe é a figura central do cuidado com o bebê, principalmente nos primeiros meses de vida, pois é dela que advém tudo o que o bebê precisa para sua sobrevivência e permanência no mundo.

De acordo com Fonseca (2017) a mulher ao se tornar mãe configura uma nova forma de se relacionar com a natureza, “pois o corpo infante que derivou do seu próprio corpo põe a mãe na direção da boa acuidade dos cuidados com o bebê” (p.331), que originalmente não são naturais, mas a partir da vivência com o bebê e dos ensinamentos de pessoas de sua convivência, vão se tornando mais elaborados. Conforme as exigências de cuidados com o bebê vão se apresentando à mãe, ela vai se apropriando ao sentido desse papel existencial, da mesma forma que esses cuidados vão sendo incorporados existencialmente pelo bebê.

Ademais, Romero e Galeno (2016) enfatizam que a fase do bebê corresponde ao final da gestação extrauterina, pois considera-se que o ser humano nasce prematuro, ou seja, ele não tem condições de sobreviver sozinho nos primeiros 24 meses após o nascimento. Sua sobrevivência só é garantida se ele for cuidado e protegido pela mãe.

Após o nascimento, o bebê apresenta-se como um ser extremamente dependente dos cuidados da mãe, portanto, não podemos considerar a separação física que acontece através do parto à constituição de um novo ser individualizado, mesmo dispondo de um corpo próprio que já habita o mundo. Após o nascimento, o bebê continua sendo uno com sua mãe em outras dimensões que extrapolam o aspecto puramente físico e biológico.

Segundo Gutman (2012) o bebê se relaciona de maneira fusional e, quando recém-nascido, essa fusão emocional se dá apenas com a figura materna. Porém, é importante que o bebê, à medida que vai crescendo, entre em relação com outras pessoas para criar laços de fusão com essas pessoas e também com os objetos que fazem parte do seu campo relacional e perceptivo. Os bebês precisam entrar em fusão emocional com os outros para a construção psíquica do seu ser individual. É importante lembrar que o estado fusional dos bebês e das crianças pequenas tendem

a diminuir a medida que vão avançando em seu desenvolvimento e amadurecendo seus aspectos psíquicos e emocionais. Assim, Fonseca (2017) nos lembra que no decorrer do desenvolvimento do bebê, aos poucos seus sentidos percebidos vão ficando menos difusos, com isso, mesmo a mãe sendo seu eixo existencial, ele começa a perceber outras pessoas que fazem parte de seu mundo.

De uma forma lenta e progressiva, o bebê vai diminuindo sua fusão emocional, que inicialmente acontece de forma exclusiva com a mãe e, aos poucos, experimentando outras relações fusionais com pessoas e, também, com objetos lugares e situações. Com isso, vale destacar o que Gutman (2012) apresenta quando afirma que faz parte da natureza humana um movimento natural que nos orienta da fusão em direção à separação. Crescer significa estabelecer um lento e gradativo aprendizado que leva o bebê ao conhecimento do mundo à sua volta, para além da mãe, para que assim possa acontecer, pouco a pouco, a separação física e emocional dos pais e se lançar à aventura existencial da vida humana enquanto um ser individual.

Gutman (2012) ressalta que a fusão emocional da criança é mais intensa durante os dois primeiros anos de vida. No decorrer desse período, ela começa a perceber sua individualidade, ou seja, reconhece a si mesma enquanto um ser separado de sua mãe. O que marca esse processo de percepção de si mesma é quando a criança começa a se nomear em primeira pessoa, isto é, quando se refere a si mesma utilizando a palavra “eu”. No entanto, esse processo de separação da relação fusional que a criança vive, principalmente com a mãe, apenas começa na infância e finda-se na adolescência, por volta dos 13 ou 14 anos.

Quando a criança começa a falar em primeira pessoa, o “eu”, que ocorre por volta dos 28-30 meses, acontece um distanciamento do outro: “eu aqui e você ali”. Esse movimento natural leva a criança ao reconhecimento de que ela está dentro dela mesma, e não mais no reconhecimento somente a partir do outro (ROMERO e GALENO, 2016).

Portanto, podemos afirmar que o vínculo que configura a relação mãe-bebê inicia-se na gestação e perdura ao longo de toda a vida. Porém, a infância, principalmente os dois primeiros anos de vida, é o período mais intenso e significativo dessa relação, pois é a partir desse período que a base psíquica e relacional do bebê se estabelece, para então, ele se estruturar no mundo enquanto um ser individualizado. Por isso a figura materna é considerada o eixo existencial do bebê,

pois é na relação com a mãe que todo o processo de constituição do ser, em todas suas dimensões, se desenvolvem.

Enfim, para entrarmos na especificidade da importância da qualidade da relação mãe-bebê, ou seja, a relevância da total dedicação e cuidado da mãe com o filho, vamos apresentar primeiro como se configura o vínculo afetivo no ser humano. A dimensão afetiva é uma estrutura existencial que orienta a vida humana. Sem a intenção de esgotar essa ampla temática, apresentaremos a seguir, de maneira mais objetiva, como entendemos a função da afetividade enquanto uma dimensão humana.

2 VÍNCULO AFETIVO

De acordo com Giovanetti (2017, p. 86) “a dimensão afetiva é a responsável pela criação do vínculo entre duas pessoas”. O ser humano percebe o mundo a partir da representação que o mesmo tem para ele. A realidade, apreendida em forma de representação, apresenta-se com um registro afetivo, ou seja, a partir de uma ressonância afetiva. Isso quer dizer que o indivíduo percebe o mundo e o mundo ressoa internamente nele. Essa ressonância está carregada de sentidos que lhe são próprios, isto é, a maneira como a pessoa atribui sentidos e significados à realidade. Da mesma forma, a captação do outro vem acompanhada pelo sentido que eu atribuo a esse outro, a forma como o sinto internamente.

“Uma relação humana sem registro afetivo não é uma relação humana, é uma relação entre dois computadores, na qual a ressonância do outro não faz parte da relação” (GIOVANETTI, 2017, p. 87). Relacionar-se com outra pessoa implica dizer que é preciso deixar com que esse outro repercute dentro de nós. Por isso, “o vínculo afetivo serve para sedimentar a relação”. O vínculo afetivo caracteriza a qualidade de uma relação humana e a afetividade representa a “intensidade e qualidade do relacionamento”.

Para compreendermos melhor, a afetividade de acordo com Giovanetti (2015), é o aspecto da vida humana que caracteriza o que é próprio de cada ser. A maneira como se experiencia o afeto torna cada vivência como única para cada pessoa. Por isso, a dimensão afetiva ocupa um lugar significativo na vida humana, pois é através dela que a vida se direciona e ganha um sentido. Perceber a função que os afetos tem na existência humana é fundamental, afinal, são eles que realçam a qualidade da expressão que cada pessoa dá ao significado vivido. Sem a afetividade, tudo seria igual para todos. Além disso, Romero (2011) acrescenta que a afetividade é considerada uma dimensão da existência humana. Ela engloba todos os tipos de afetos, tanto os positivos quanto os negativos, que impactam subjetivamente o homem em sua relação com o mundo.

A afetividade é a capacidade que o ser humano possui de ser afetado subjetivamente com tudo o que acontece na sua relação com o mundo, enquanto sujeito e agente de sua própria experiência. Dentro dessa capacidade, apresentam-se os afetos, que caracterizam as especificidades dos modos de relação sujeito-objeto e homem-mundo (ROMERO, 1999).

Compreende-se que o desenvolvimento do psiquismo é o marco inicial da afetividade, porém, é inviável reduzir todas as questões humanas apenas ao aspecto psíquico, pois a condição humana é compreendida a partir da articulação das “dimensões estruturantes (corpo próprio, psiquismo e espírito) e das dimensões relacionais (relação com o mundo, relação com os outros e relação com o absoluto)” (GIOVANETTI, 2015, p.3). Assim, o psiquismo enquanto dimensão estrutural do ser humano, é o começo da vida interior. É por meio do psiquismo, integrado às outras dimensões humanas, que o homem capta a realidade externa e a percebe “em forma de ressonância subjetiva”. Essa ressonância representa a maneira como a realidade impacta o indivíduo, recebendo assim, um sentido que lhe é próprio (GIOVANETTI, 2015).

Para compreender melhor a dimensão psíquica, Giovanetti (2015) explica que o psiquismo apresenta-se em dois eixos: a percepção-representação e a ressonância. A representação se dá pela forma como o ser humano capta o mundo de maneira espontânea, sem analisá-lo. O contato com a realidade imediata se dá pela percepção. A ressonância, como apresentado anteriormente, é a maneira como a realidade externa ressoa internamente no indivíduo, causando assim, um impacto subjetivo. Esse contato com a realidade se dá por meio dos sentidos do corpo (audição, visão, olfato, tato e gosto). É através desses sentidos que vivencia-se a ressonância subjetiva que a realidade externa provoca, incluindo também a qualidade da realidade captada, podendo ser agradável ou não.

Vale ressaltar que, antes de compreendermos o sentido que a ressonância tem na constituição do ser, devemos conhecer a caracterização da sensibilidade, pois a ressonância depende da sensibilidade do indivíduo que a percebe. Romero (2011) coloca que a sensibilidade é a habilidade humana de “sentir os eventos e as relações que mantemos com os objetos e seres do mundo” (ROMERO, 2011, p. 17). Isso quer dizer que o ser humano é sensível e aberto a si mesmo e aos acontecimentos que o rodeiam.

A sensibilidade se apresenta de duas formas: no plano orgânico e no plano dos afetos. O plano orgânico é expresso pelos órgãos sensoriais, como já apresentado anteriormente – audição, visão, olfato, tato e gosto. É através da sensibilidade sensorial que percebemos (percepção) a qualidade dos acontecimentos a nossa volta. Assim, com essa habilidade sensorial que todo ser humano apresenta, torna-se possível identificar os acontecimentos como agradáveis e desagradáveis,

provocando, respectivamente, sensações de prazer e desprazer (ROMERO, 2011). Desse modo, como a habilidade sensorial se apresenta nesse contato imediato com o mundo, o bebê também atribui sentido às experiências que experimenta tanto na vida intrauterina quanto no mundo externo após o nascimento, mesmo não racionalizando-as de maneira cognitiva, tais experiências são dotadas de sentidos corpóreos e sensitivos pelo bebê, que impactam e compõem seu campo de experiências no mundo.

No plano dos afetos, a sensibilidade se expressa pela “duração, forma e intensidade em que uma pessoa se sente afetada pelos eventos do mundo no plano vivencial” (ROMERO, 2011, p. 18) e é o que denominamos de subjetividade. Por isso, não há um padrão ou um estereótipo para essa vivência, pois há pessoas mais ou menos sensíveis que outras, havendo também variações nas etapas da vida, em que cada etapa a pessoa pode se mostrar mais ou menos aberta aos estímulos afetivos. Conforme Romero (1999) é inevitável o ser humano não ser tocado pelos eventos do mundo que o circunda. Tanto que torna-se obrigado a reconhecê-los e atribuir-lhes um significado.

Levando em consideração os aspectos que envolve a sensibilidade, Giovanetti (2015) esclarece que a expressão da emotividade é demonstrada com mais naturalidade pela criança. Mesmo sendo hereditária, ela é influenciada e moldada pelo ambiente no decorrer da vida. Assim, podemos destacar mais uma característica fundamental da dimensão afetiva, “ela possibilita a estruturação dos vínculos afetivos, isto é, é por meio da afetividade que nos ligamos positivamente ou negativamente aos acontecimentos” (GIOVANETTI, 2015, p 12). A dimensão afetiva é a que mais se destaca no mundo infantil, conforme Romero e Galeno (2016, p. 53), “a criança é um ser predominantemente emocional e sensível. Nenhuma outra etapa da vida apresenta uma tal intensidade vivencial como esta”.

Vale lembrar que faz parte da estrutura do ser humano a constante interação com o que está a sua volta, contemplando os aspectos internos e externos do indivíduo. Como afirmam Romero e Galeno (2016, p. 9),

Melhor, o mundo da pessoa implica uma interação entre a pessoa e os outros, entre o sujeito e os mais diversos eventos e situações que configuram seu mundo. Nesta interação os eventos afetam à pessoa de uma certa maneira: a afetividade e os afetos são os feitos desta interação no sujeito. Tudo o que acontece no campo da nossa ação externa e interna nos afeta de alguma maneira num certo grau, intenso ou sutil.

Lembrando que a criança além de ser relacional é um ser fusional, Romero e Galeno (2016) destaca, também, que “a criança é um ser emocional e afetivo”. O mundo (objetos, coisas, situações e pessoas) afetam as crianças num grau mais intenso se comparado aos adultos. Por ser mais espontânea, a intensidade afetiva infantil é mais acentuada que nas etapas posteriores da vida.

A criança é mais espontânea na vivência de sua emotividade porque ela vive na emoção, sendo considerado por Romero e Galeno (2016) um ser hiper-emotivo. Isso quer dizer que a criança está mais susceptível às ocorrências do meio e também à suas próprias vivências, sendo que, quanto mais nova for a criança, mais permeável ao acontecimentos ela é.

Então, podemos entender que a afetividade é a forma como percebemos o mundo e como o mundo impacta internamente em nós, gerando assim uma ressonância subjetiva. Essa ressonância é o registro afetivo que carregamos em nossa existência decorrente do contato com o mundo.

De acordo com Romero (2011) a ressonância subjetiva é constituída por três elementos. Primeiro, a ressonância é elaborada a partir do significado que o indivíduo atribui ao evento ou à realidade; segundo, a própria sensibilidade do indivíduo, ou seja, a ressonância subjetiva depende da sensibilidade da pessoa que capta o mundo; e por fim, características da própria realidade compõem também a ressonância.

Vale destacar que o segundo elemento proposto por Romero, a sensibilidade, é considerado por Giovanetti (2015) o elemento mais importante. Cada ser humano leva consigo uma “carga de sensibilidade” decorrente de todas as experiências vivida ao longo da vida. Com isso, não podemos deixar de resgatar aqui a importância das primeiras experiências de vida: a gestação intrauterina e os primeiros meses após o nascimento. A forma como o bebê registra internamente seus primeiros contatos com o mundo, compõem a fundação de sua sensibilidade.

Outra característica fundamental da afetividade, colocada por Giovanetti (2015) é que, através da afetividade nos vinculamos afetivamente aos outros e aos acontecimentos da vida, podendo ser de maneira positiva ou negativa. A qualidade dos vínculos interpessoais são marcadas pela afetividade, ou seja, “o vínculo afetivo é a sustentação de um envolvimento afetivo” (2015, p.13).

Uma relação se fortalece e solidifica a partir do vínculo afetivo presente. A qualidade dessa relação também depende da qualidade do vínculo afetivo construído,

já que é através da afetividade que o relacionamento ganha qualidade e intensidade (GIOVANETTI, 2017).

Por ser uma dimensão existencial, a afetividade está presente em todos os aspectos sutis da vida humana, “seja de um modo envolvente e intenso como nas emoções, seja de uma maneira sutil como em certos estados de ânimo; e ainda em forma de vínculos e de apreensão intuitiva de si mesmo nos sentimentos e no sentir” (ROMERO, 1999, p. 221-222).

É difícil falar da sedimentação de uma relação a partir do vínculo afetivo sem nos remeter à relação mãe-bebê como primordial na qualidade da dimensão afetiva na vida do indivíduo. De acordo com Giovanetti (2017), é essencial que a mãe se mostre profundamente sensível às necessidades de seu bebê. Afinal, o desenvolvimento emocional do bebê depende da qualidade do vínculo afetivo vivido na relação com sua mãe. Quando esse vínculo é bem construído, o bebê desenvolve com mais segurança a sua autonomia. Para isso, é fundamental que a experiência da confiança seja bem vivida no início da vida. Quando o bebê sente segurança na relação com a mãe, a experiência se torna a base para o desenvolvimento de sua vida emocional.

Além disso, vale enfatizar que as experiências vividas não impactam subjetivamente apenas no momento da ocorrência dos eventos ou situações. Esses impactos podem afetar o indivíduo de forma perdurável e, até mesmo, permanente. Há eventos que podem abalar de forma passageira e rápida, outros, podem apresentar uma grande intensidade no momento do fato, não perdurando por muito tempo, e ainda há aqueles que possuem uma ressonância subjetiva difícil de perceber o momento da situação, sendo compreendida depois de certo tempo (ROMERO, 1999). Por isso, nota-se a importância das primeiras experiências da relação mais marcante de toda a existência, a relação mãe-bebê, pois seus impactos, tanto positivos quanto negativos, podem perdurar-se ao longo de toda existência.

Portanto, conforme destacado por Romero (1999), considera-se a afetividade como uma dimensão fundamental da existência humana. Afinal, a afetividade é o modo como o ser humano implica-se na sua relação com o mundo bem como é afetado por ele. É por meio dessa relação que o sujeito constrói seu campo vivencial, atribuindo significados que norteiam sua sensibilidade, configurando-a de uma certa maneira. Assim sendo, devemos considerar que tais impactos não afeta a existência apenas de uma forma passageira, mas também de maneira persistente e duradoura,

“pois os afetos são um aspecto disso que chamamos experiência pessoal – a qual tende a organizar-se em termos de padrões mais ou menos constantes” (ROMERO, 1999, p. 227).

Concluindo, considerar a dimensão afetiva da existência articulando com as primeiras experiências da vida, chama-nos a atenção para o imensurável impacto que essas experiências têm na estruturação psíquica e afetiva do indivíduo. Visto que é a partir da relação com a mãe que o bebê estrutura toda a sua base psíquica, corpórea, relacional e espiritual, levando em consideração todas as demais dimensões humanas. Com isso, o papel da figura materna, bem como seu dedicação e atenção para proporcionar uma relação de qualidade ao bebê é fundamental, sendo esse, o tema proposto para o próximo tópico.

3 O ENVOLVIMENTO AFETIVO MATERNO NA ESTRUTURAÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO

Como foi apresentado ao longo do trabalho, notamos a importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento positivo da criança, bem como, a função da dimensão afetiva enquanto dimensão existencial do homem. Agora, procuraremos esboçar, sem a intenção de esgotar a temática, como o envolvimento da mãe na díade mãe-bebê impacta a constituição do vínculo afetivo.

Gutman (2012) afirma que a experiência do parto e os primeiros encontros entre mãe e filho marca o início do vínculo mãe-bebê. A chegada do bebê convida a mulher a reconhecer a necessidade de expandir sua compreensão diante dos aspectos mais sutis que configuram a relação mãe-bebê. Além do mais, as condições emocionais, intuitivas e perceptivas do bebê e das crianças pequenas, são muito mais desenvolvidas que a dos adultos, o que torna essencial a mãe se abrir para reconhecer e interagir com o bebê, satisfazendo suas necessidades essenciais que não são manifestadas pela linguagem verbal.

Levando em consideração que o processo de desenvolvimento do bebê não se limita apenas a seu crescimento biológico, vale destacar a grande contribuição da teoria do amadurecimento pessoal proposta por Donald W. Winnicott. Sendo assim, Loparic (1999), aponta que Winnicott não concebeu o processo de desenvolvimento humano apenas como um aspecto biológico. Assim, buscou-se entendê-lo como uma questão de amadurecimento pessoal, “mais precisamente como um problema de tornar-se si mesmo” (1999, p. 22).

De acordo com Dias (2008), a teoria winnicottiana do amadurecimento consiste na descrição e conceituação de diferentes tarefas, as quais contemplam conquistas e dificuldades, que é intrínseco ao crescimento do ser humano em todas as etapas da vida, desde a vida intrauterina, até a velhice. Além disso, os estágios iniciais da vida ganham maior ênfase na teoria winnicottiana, visto que é nesse período que a base da personalidade e da saúde psíquica são constituídas.

Assim, o processo de amadurecimento ao qual estamos falando não é representado pelo desenvolvimento físico do bebê, ou seja, “não é o bebê, como entidade física, que amadurece, dirá Winnicott, mas o “eu” do bebê” (LOPARIC, 1999, p. 22). Para compreendermos melhor, o autor nos chama a atenção para os seres humanos que são biologicamente adultos, mas psicologicamente imaturos, ou seja,

esse amadurecimento está relacionado com os aspectos internos do indivíduo. Além do mais, por mais que o amadurecimento seja inato, não é um processo que acontece automaticamente. É necessário a interação com outros seres humanos para que ele possa acontecer. “Isso significa, em particular, que, no início, o ser humano só amadurece na relação com a mãe-ambiente suficientemente boa e de nenhuma outra maneira” (LOPARIC, 1999, p. 22).

Uma concepção importante da teoria de Winnicott é a *tendência à integração*, que baseia-se “na ideia de que todo indivíduo humano é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento, o que significa, à integração numa unidade” (DIAS, 2008, p. 33). Dias (2008) ressalta que essa tendência, mesmo sendo inata, é uma tendência e não uma determinação. Ou seja, para que aconteça, é necessário que o indivíduo se encontre em um ambiente facilitador. Com isso, é imprescindível que o bebê tenha uma presença propiciadora que promova sua tendência à integração, ele depende de um ambiente facilitador para que isso aconteça, encontrando-o, inicialmente e principalmente, em sua mãe.

A mãe enquanto um ambiente facilitador para o crescimento e desenvolvimento existencial do bebê é tão tangível e destacado em tantas teorias que Loparic (1999, p. 22) apresenta que Winnicott afirma que “o bebê não existe como uma entidade separada, que ele só existe na relação com a mãe”. Como, inicialmente, o bebê só existe na relação com sua mãe, isso implica dizer que a primeira tarefa do bebê fundamenta-se na constituição de um “chão próprio sobre o qual poderá se assentar e existir como alguém criativo e espontâneo” (1999, p.22). Porém, não é possível para o bebê criar esse “chão” sozinho, ele só pode tomá-lo a partir dos cuidados da mãe. Assim, enquanto facilitadora, a mãe se apresenta como mãe-ambiente, que sustenta todo esse acontecer do bebê a partir da relação entre ambos e de sua dedicação e cuidado à suas necessidades existenciais (LOPARIC, 1999). “A primeira experiência de ser ele mesmo, condição de todas as outras experiências, depende essencialmente da confiável e monótona presença da mãe, do colo da mãe, o lugar onde o infante pode começar a ser ele mesmo” (LOPARIC, 1999, p. 22).

Depois que consegue conquistar a vivência de ser ele mesmo a partir da relação com a mãe, Loparic (1999, p. 23) apresenta as tarefas que devem ser alcançadas pelo bebê na fase inicial conhecida como fase da primeira mamada, que são: “início de integração no tempo e no espaço, de alojamento no corpo, de relacionamento com os objetos”. Primeiramente, o bebê não sabe a hora, não sabe

onde está e não sabe como se mover, e tudo isso terá que ser aprendido. Vale destacar que o tempo e espaço vivido pelo bebê não é o mesmo tempo e espaço vivido pelo adulto, eles tem características diferentes. Depois, o bebê encontra a necessidade de integrar o próprio corpo, o que chega a ser paradoxo pois, por mais que ele seja só corpo, ele ainda não tem um corpo, pois ele não sabe pegar, não sabe fazer gestos, não consegue nem sustentar a própria cabeça no pescoço. Em seguida, o bebê não sabe brincar e nem o que fazer com as coisas, pois ele não mantém uma relação estável com o que não seja ele. Em virtude de todos esses problemas básicos que precisam ser conquistados, o bebê não sabe se comunicar de uma maneira precisa e objetiva. Sua comunicação é no nível privado e sutil, que só acontece na intimidade da relação com sua mãe (LOPARIC, 1999).

Assim, vale resgatar o que já foi apresentado por Romero e Galeno (2016) ao destacar que os primeiros meses de vida do bebê correspondem à continuação da gestação, porém, extrauterina. Gutman (2012) reitera o que o bebê humano, comparado aos outros mamíferos, é um bebê que nasce prematuro. “Podemos considerar que são nove meses de gestação intrauterina e depois nove meses de gestação extrauterina” (GUTMAN, 2012, p. 103). Podemos reafirmar isso ao observar que as necessidades do bebê nos primeiros nove meses de vida extrauterina são similares de quando ele ainda estava na barriga de sua mãe. Essas necessidades são: comunicação, contato e alimentação permanente.

De acordo com Gutman (2012, p. 103), podemos compreender essas necessidades da seguinte forma: a comunicação diz respeito “à comunicação permanente com a figura materna”. Porém, essa comunicação não se refere apenas às palavras, ela dá-se também por meio do olhar, da percepção, da presença e do amor. Um bebê desenvolve suas capacidades humanas a partir da constante comunicação com o outro, especialmente a mãe. Comunicação essa que engloba todos os aspectos citados, que vão além das palavras. Quando essa comunicação não acontece de maneira plena, marcas existenciais se fazem presente repercutindo em toda o processo de desenvolvimento do ser. Para além da comunicação com o bebê nos primeiros meses de vida, Verny e Weintraub (2014, p.85) ressaltam também a importância do diálogo pré-natal, “a comunicação entre a mãe, o pai e a criança por nascer prepara o terreno para suas relações afetivas depois do nascimento e durante todos os anos por vir”.

O contato refere-se ao contato contínuo do bebê com outro corpo, preferencialmente, o de sua mãe. Conforme Gutman (2012, p. 103-104) “o bebê deveria ficar nos braços de sua mãe ou de algum substituto a maior parte do tempo, apoiado fisicamente, tocado, até mesmo apertado, como de fato estava no útero na mãe”. Esse contato permite que o bebê delimite seu próprio corpo que, lentamente, vai ganhando autonomia.

Para concluir as necessidade da gestação extrauterina do bebê, a alimentação permanente, segundo Gutman (2012), representa a necessidade de alimento constante, afinal, era assim que acontecia em sua vida intrauterina, ele era alimentado constantemente e atendido imediatamente pela comunicação corpórea com a mãe. É importante ressaltar que essa alimentação não se refere apenas à alimentação física, ou seja, o leite. Por mais que o leite materno seja a principal fonte de nutrientes para o desenvolvimento biológico do bebê, ele também alimenta nos aspectos sutis, afinal, mãe e bebê não são apenas corpo, eles se conectam de outras formas e o alimento é também fonte de nutrientes para seu desenvolvimento psíquico, emocional e espiritual, representados para além do leite propriamente dito, mas pela troca vivencial que acontece através da amamentação.

Para ilustrar, podemos pensar na qualidade do alimento quando o bebê é amamentado pela mãe em um ambiente calmo, quando a mãe está tranquila, trocando olhares com o bebê, acariciando seu rosto. Nesse momento, não é apenas o leite que o bebê recebe, junto com ele, vem o amor da mãe, a dedicação e doação no ato de amamentar. Em contrapartida, se a mãe amamenta seu filho quando está agitada, atendendo ao telefone, discutindo com alguém ou com a atenção presa na televisão ou no celular, a qualidade desse alimento será muito diferente.

Se pararmos para refletir sobre a importância do cuidado com o bebê tanto na gestação quanto após o nascimento, observamos o quanto nossa sociedade é fragilizada e negligente com os bebês. A qualidade das relações significativas presentes no cuidado com o bebê, muitas vezes, são escassas. Nessa perspectiva, Gutman (2012) afirma que a sociedade (especialmente a sociedade ocidental) é extremamente violenta com suas “crias”. O bebê humano depende exclusivamente dos cuidados dos adultos para a sua sobrevivência, e ainda assim, grande parte de suas queixas essenciais e fundamentais não são atendidas.

Podemos verificar isso na fragilidade do diálogo que estabelece entre pais, bebês e/ou crianças pequenas. Não é comum que esse recurso seja valorizado nas

famílias. Os bebês e as crianças pequenas são vistos como seres menores que não entendem a realidade que as cercam, assim, os pais não dialogam com seus filhos, não mostrando e nem explicando o que está acontecendo a sua volta. Por exemplo, quando há um problema conjugal que envolve o casal, o ambiente familiar fica com um clima diferente e até, muitas vezes, hostil. A criança percebe que algo está acontecendo, pois ela habita aquele ambiente, porém, nada é falado para ela. Inclusive, muitas vezes, o pais negam a realidade, dizendo que está tudo bem. Isso torna-se completamente contraditório para a criança, pois ela percebe o ambiente de uma maneira, mas os pais apresentam de outra. Outro exemplo que pode ilustrar essa fragilidade do mundo contemporâneo é a forma como os bebês e as crianças são negligenciadas nas suas vivências e percepções pessoais. Quando uma criança cai e se machuca, mesmo que levemente, ela sente dor e chora. Então, a mãe logo a pega, passa a mão no machucado de maneira delicada e diz: “isso não é nada, não doeu”. A criança de fato está sentindo dor, mas sua mãe diz que o que ela sente não é verdade, o que confunde e contradiz tudo o que a criança, de fato, está sentindo.

É muito importante que a comunicação clara esteja presente entre a mãe e seu bebê e os pais e seus filhos, pois é através da comunicação e do diálogo que os pais ajudam os filhos a se conectarem com a realidade de forma verdadeira, lógica, compreensível e saudável. Nos exemplos citados anteriormente, é fundamental que os pais expressem para os filhos que eles, enquanto casal, estão tendo problemas, por isso o clima estranho em casa; mas que isso nada tem a ver e em nada interfere no amor que eles sentem pelas crianças. Assim, os filhos se afastam dos sentimentos que não são seus, e sim, dos pais enquanto casal. Ao cair, é importante que a mãe reconheça a vivência do filho: “estou vendo que você está sentindo dor. Mas não é um machucado grave, vamos passar um remédio e logo irá sarar”.

Gutman (2012) nos alerta para como somos contraditórios com as crianças no dia a dia. “Desdizemos” muitas coisas, pois a realidade que se mostra é uma, mas insistimos em afirmar que o que a criança está sentido, não condiz com a realidade. Como no exemplo citado anteriormente, a realidade é: a criança caiu e sentiu dor. O que é dito para ela: “isso não é nada”.

As crianças vão constituindo sua relação com o mundo conduzidas, inicialmente, pela mãe, que é a principal referência desde a nomeação das coisas até sensações mais sutis que a criança experimenta. O mundo não é apenas objetividade. Para além disso, a criança também apresenta um conjunto de percepções e

sensações pessoais sobre o mundo, e elas devem ser orientadas para o entendimento dessas sensações que estão vivenciando. Porém, para que isso aconteça, em primeiro lugar, suas sensações devem ser reconhecidas como válidas (GUTMAN, 2012). Por isso, é fundamental que a mãe reconheça e valide o que a criança está sentindo. Isso não quer dizer que ela precise ser permissiva. Validar o sentimento da criança é muito diferente de permitir ou concordar com um comportamento inadequado. Como por exemplo, é comum nos depararmos com crianças iradas agredindo seu pais. É importante mostrar para ela que o que ela está sentindo é reconhecido: “eu sei que você está com raiva, mas não permito que me bata”, e caso necessário, segurar suas mãozinhas com firmeza.

A medida que a criança vai separando-se da fusão emocional com a mãe, ela vai estruturando seu próprio eu e integrando-se com o que está “fora”. Contudo, é necessário que este “fora” seja lógico e compreensível para ela. “Quando sente dor, precisa que aquela sensação seja nomeada como dor para que, cada vez que sinta dor, possa ela mesma reconhecê-la como tal” (GUTMAN, 2012, p. 113).

No caso dos bebês, a comunicação não perde seu valor. Como já foi exposto, a capacidade de percepção do bebê e interação com mundo existe, independente se seus recursos cognitivos estão totalmente desenvolvidos. Diante disso, Verny e Weintraub (2014) apontam para os canais de comunicação que existem desde o momento da concepção. Segundo os autores, o bebê possui suas formas de dialogar com a mãe e, através dela, com o mundo. Eles chamam de “diálogos umbilicais”, que acontecem por meio de três canais: a comunicação molecular; a comunicação sensorial e; a comunicação intuitiva.

A comunicação molecular é a forma de comunicação que acontece entre os corpos biológicos via cordão umbilical e placenta. As moléculas maternas de emoção, isso inclui também os hormônios do estresse (como por exemplo a adrenalina e a noradrenalina), chegam ao feto através do cordão umbilical e da placenta. Isso quer dizer que o bebê por nascer faz parte do corpo da mãe da mesma forma que seu coração o faz (VERNY e WEINTRAUB, 2014). Por isso, o bebê tem acesso a todos os sentimentos vivenciados pela mãe. O corpo físico da mãe reage à suas emoções e elas são passadas ao bebê.

A comunicação sensorial, conforme Verny e Weintraub (2014), expressa-se por meio da relação de sentidos que o bebê estabelece com sua mãe. Quando uma mulher grávida acaricia a barriga, canta ou conversa, ela está se comunicando com o

bebê por nascer através dos sentidos da criança. Os chutes que o bebê dá na barriga de sua mãe é também uma forma de comunicação sensorial. Quando ele escuta uma melodia agradável, ele corresponde com movimentos intrauterinos de maneira energética, porém, sem violência. Diferente se ele for exposto a barulhos altos e agudos que gerem algum tipo de desconforto, nesse caso, a forma do movimento e do chute será bem diferente. O choro, é a forma com que os recém-nascidos “falam” com suas mães. E não é de se surpreender que as mães conseguem decifrar os choros de seus bebês identificando qual a necessidade ele está comunicando naquele momento.

A comunicação intuitiva acontece com indivíduos intimamente ligados entre si emocionalmente. É difícil imaginar seres mais ligados do que uma mãe com seu bebê por nascer, afinal, eles dividem o mesmo corpo, compartilham do mesmo mundo interno. VERNY e WEINTRAUB (2014) afirmam que a comunicação intuitiva é um canal que transmite os pensamentos, intenções e grande parte das emoções básicas da mãe ao bebê. E da mesma maneira, pelo mesmo canal, a mãe recebe mensagens do bebê, podendo, inclusive, se manifestar através de sonhos. “É por meio desse sistema complexo de comunicação pré-natal que o feto se familiariza consigo mesmo, com a mãe e com o mundo em geral” (VERNY e WEINTRAUB, 2014, p. 88).

GUTMAN (2012) nos alerta que o hábito de conversar com os bebês é extremamente importante. Porém, infelizmente, é um hábito pouco frequente, o que pode, inclusive, parecer estranho para muitas pessoas. Porém, não estamos falando aqui de uma mera comunicação sem sentido (o que não quer dizer que tenha menos valor), mas o fato de que dialogar com os bebês e as crianças leva a mãe a entrar em contato com os planos sensíveis da existência, que tanto as crianças quanto os bebês tem total capacidade de acessar, inclusive, de maneira muito mais espontânea que os adultos. “Todo ser humano tem uma capacidade de compreensão que independe da idade que lhe é atribuída no plano físico” (GUTMAN, 2012, p. 108). Quando falamos aqui desses planos sensíveis, referimo-nos a essa conexão que liga existencialmente o bebê a sua mãe, que extrapola os limites do plano meramente físico.

Mesmo que o bebê e a criança pequena ainda não desenvolveram o recurso da linguagem verbal, isso nada tem a ver com a sua incapacidade de compreensão. Bebês e crianças tem total capacidade de compreensão, justamente por estarem fortemente conectadas com as dimensões mais íntimas de sua mãe (GUTMAN, 2012).

Gutman (2012) nos leva a refletir sobre a forma como normalmente as mães são extremamente invasivas com seus bebês, sem lhes dar qualquer explicação,

justamente por julgarem que eles não tem capacidade de entender o que está acontecendo. Elas se limitam a dar poucas informações para seus filhos; vão trabalhar e simplesmente somem; tomam decisões familiares que os envolvem sem lhes dar qualquer explicação; deixa-os aos cuidados de outras pessoas, manipulam seu corpo, permitem com que outras pessoas que ele não conhece o pegue, tudo isso, sem sequer pensar na importância da explicação sobre essas situações que acontecem, tão corriqueiramente, na rotina dos bebês. Tudo isso seria considerado falta de respeito se acontecesse com um adulto, mas torna-se natural quando trata-se de bebês e crianças pequenas.

Se pararmos para observar, é notável que as crianças e os bebês reagem com violência e resistência quando não são consideradas em sua totalidade. É importante e necessário que eles saibam o que está acontecendo e o que acontecerá, pois eles tem o direito de organizar o seu entendimento acerca das coisas. Um bebê se prepara para ir ao colo de um adulto desconhecido, se prepara para ficar na ausência da mãe quando a mesma volta ao trabalho. Bebês são seres capazes de compreender, aceitar e acompanhar os acontecimentos, e todas as situações a qual vivencia e irá vivenciar, tornando-se mais suportável quando ele sabe e se prepara para elas (GUTMAN, 2012).

Por isso, o hábito de conversar com as crianças torna-se mais fácil se começado desde o nascimento. Conforme apontado por Gutman (2012, p. 111)

As mães passam longas horas a sós com o bebê. Afastadas dos palpites bem-intencionados, podem se exercitar contando-lhes pequenas coisas: “agora vou trocar sua fralda”, “preciso que você me espere um pouco”, “sua barriga está doendo e é por isso que você está chorando”, “é muito difícil ser bebê” e etc. Logo percebemos que, quando acompanhamos nossos movimentos com explicações adequadas, tudo fica mais suave, o bebê se tranquiliza e não manifesta contrariedade.

Outro aspecto que é essencial no diálogo com o bebê, é a mãe comunicar quando está passando por uma situação pessoal de sofrimento. Ela deve falar para o seu bebê, claro que de forma simples, e explicar o que está acontecendo. O bebê se sente aliviado ao saber que as angústias de sua mãe não são dele. Porém, vale lembrar que essa comunicação manifesta-se nos planos sutis, por isso, talvez somente a mãe perceba o relaxamento do bebê, devido a íntima conexão que ambos compartilham. Portanto, exercitar o hábito de conversar com os bebês, todos os dias, diante todas as situações vivenciadas, torna-se fundamental para seu processo de desenvolvimento. A mãe deve colocar em palavras o que está acontecendo e o que

está sentido. É assim que o bebê vai aprendendo a se relacionar com o mundo, “por meio do amor e da compreensão lógica de tudo o que faz, sente, lhe acontece, é (GUTMAN, 2012, p. 111)”.

Uma criança procurará contato compulsivo na fase adulta caso ela não tenha sido apoiada corporalmente quando pequena. Se ela não se sentiu amada, irá pedir e procurar amor em todos os lugares, sentindo-se sempre insatisfeita, por não ter vivenciado essa experiência no período mais importante de sua vida. Em contrapartida, quando um bebê é atendido e respeitado em suas necessidades, ele cresce e se desenvolve, apresentando maior segurança interior e, conseqüentemente, coragem e vontade para explorar o mundo (GUTMAN, 2012).

Infelizmente, é possível observar que a maioria das mães não possuem apoio familiar e social para se permitirem “ter o bebê” e vivenciar a díade mãe-bebê da maneira mais profunda e plena possível. Isso repercute na carência afetiva, não só de crianças, mas também de adultos, que tanto se vê por aí. Talvez, se as mães amamentassem e conversassem mais com seus bebês, preservando o contato do corpo através do colo, as crianças cresceriam mais felizes (GUTMAN, 2012).

Por esse motivo, é muito importante criar o hábito de conversar sempre com as crianças, inclusive os bebês. Contar como será o dia, se for previsto um evento marcante, como a saída da mãe para o trabalho, o bebê deve ser comunicado, para ele se preparar para a ausência da mãe. O que fará na ausência da mãe, com quem ficará. Informar para a criança como será o seu dia, seja junto com a mãe ou não. Mas também, é fundamental que a mãe comunique à criança sobre o que acontece com ela, como se sente, sobre as questões que a preocupam, as razões de suas alegrias e tristezas, projetos e desejos e etc. Quando é comunicado para os bebês e as crianças as manifestações das preocupações da mãe, de forma clara e respeitosa, abre-se o caminho para que eles se afastem de emoções que não lhes são próprias, mas que estão conectados com emoções da mãe (GUTMAN, 2012).

Quando a mãe não utiliza o recurso da linguagem verbal para constituir a relação entre seu filho e o que acontece com o que ele sente, suas emoções, a criança não cria condições de se estruturar a partir de um “esqueleto emocional” sólido, com isso, ela cresce e se desenvolve com uma fragilidade afetiva. A relação entre como ela sente e percebe internamente as coisas ficam desconectadas com o que de fato se apresenta no mundo exterior (GUTMAN, 2012).

Gutman (2012) ressalta sobre a importância da figura materna na validação das experiências de seus filhos. Quando a criança cai e a mãe a ampara dizendo “está doendo muito”, uma peça interna se conecta e encaixa com a outra, fazendo sentido para a criança, pois nomeou-se com exatidão o que acontece com ela. Muito possivelmente, a criança irá chorar menos, pois foi considerada e reconhecida em sua sensação pela mãe, que, além de consolá-la, ajuda-a a construir a configuração de seus pensamentos unidos ao sentimento. É a partir disso que a criança consegue compor a base da estrutura de seu pensamento, sustentada por um esqueleto emocional equilibrado.

Portanto, diante do exposto, é possível considerar que o cuidado, a dedicação e o amor da mãe em relação ao filho, é uma ponte valiosa para a concretização desse vínculo afetivo não apenas com ela, mas, conseqüentemente, com o mundo. Afinal, conforme já apresentado, o vínculo afetivo é o que conecta duas pessoas. Mãe e bebê já estão naturalmente conectados, e quando a mãe tem o cuidado de zelar pela qualidade desse vínculo, ela possibilita que o bebê crie vínculos afetivos de qualidade com as outras pessoas e com o mundo, pois é a partir da experiência com a mãe que ele constrói sua base para, posteriormente, vivenciar essas experiências com o mundo.

Por isso, é extremamente necessário que a mãe desenvolva sua sensibilidade para perceber e compreender, num outro nível, essa forte conexão que tem com o bebê para, então, entregar-se nessa relação, atendendo às necessidades da criança, contribuindo assim, de maneira positiva, para a construção emocional e afetiva positiva de seu filho com ela mesma, e depois, com o mundo.

CONCLUSÃO

Quanto à questão norteadora deste estudo, foi destacado que a relação mãe-bebê impacta de maneira significativa o vínculo afetivo. Levando-se em conta o que foi apresentado inicialmente, a relação mãe-bebê configura-se enquanto uma díade fundamental para o desenvolvimento físico, psíquico, relacional e espiritual do bebê. Mãe e bebê permanecem uno mesmo após o nascimento. Seus corpos se separam, mas a conexão psíquica e emocional permanecem por mais alguns anos. Toda a experiência de mundo do bebê começa a partir da relação com sua mãe, por isso, se essa relação se estrutura no amor, no cuidado e na dedicação, irá impactar de maneira positiva no desenvolvimento existencial da criança enquanto um ser humano.

Para isso, é importante que a mãe seja sensível às necessidades do bebê que são comunicadas através dessa forte conexão que mantém ambos em uma relação fusional. Se a mãe não for aberta e sensível, possivelmente, a relação com o bebê será fragilizada e essa experiência terá uma ressonância subjetiva no bebê que gere um possível desprazer. Então, torna-se essencial que a mulher cuide de sua vida emocional, psíquica e afetiva, para que possa então relacionar-se com o bebê de maneira mais livre e espontânea. Construir e vivenciar um vínculo afetivo positivo com o filho torna-se essencial para um desenvolvimento existencial saudável. E talvez, seja essa qualidade de relação que a humanidade esteja precisando vivenciar nesse momento.

Assim, compreender a dimensão afetiva da existência humana nos ajuda a ampliar a compreensão da importância da relação mãe-bebê na constituição do ser. A base teórica da fenomenologia existencial auxiliou na construção dessa compreensão, apresentando pontos convergentes com teorias e autores de outras áreas, enriquecendo assim, a importância do estudo acerca da temática proposta no presente trabalho.

Contudo, não com a intenção de esgotar essa ampla temática, alguns questionamentos se fazem pertinentes. Nem sempre as mulheres estão amadurecidas emocionalmente para vivenciar uma relação mãe-bebê de maneira intensa e plena; não é raro bebês e crianças não contarem com a figura materna para vivenciarem essa relação e serem atendidos e cuidados em suas necessidades. Qual impacto isso geraria no desenvolvimento existencial desses bebês e dessas crianças? Assim, segure-se que estudos futuros que envolvam esses questionamentos

enquanto temática principal, tornam-se pertinentes para compreendermos de maneira mais aprofundada os possíveis impactos no âmbito da afetividade quando a relação mãe-bebê não pode ser vivenciada com a figura materna. Outra questão importante de ser refletida e contemplada em estudos futuros: e a figura paterna? Qual a função do pai e seu impacto no desenvolvimento do bebê?

Concluindo, considera-se que as questões levantadas nesse estudo contribuam para ampliar a compreensão da importância da relação mãe-bebê na construção do vínculo afetivo, bem como, que essa relação ganhe reconhecimento de sua real importância na vida de todo ser humano. Afinal, a relação com o mundo começa a partir da relação com mãe. Todo ser humano compartilha dessa experiência inicial da vida, seja de maneira intensa e duradoura, seja de maneira breve e menos intensa, e as vezes, inclusive, de maneira interrompida.

REFERÊNCIAS

DIAS, Elsa Oliveira. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. **Revista Natureza Humana**, v.10, n. 1, p. 29-46, 2008.

FONSECA, Fábio Luiz Socreppa. A constituição do mundo e de si-próprio no enlace existencial mãe-bebê. **Revista de Abordagem Gestáltica**, v. 23, n. 3, p. 326-333, 2017.

GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia Fenomenológico-Existencial: fundamentos filosófico-antropológicos**. 1ªed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

GIOVANETTI, José Paulo. **Afetividade e Existência**. In: III Congresso Internacional de Psicologia Existencial – V Congresso Brasileiro de Psicologia Existencial, 2015, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: FEAD, 2015.

GUTMAN, Laura. **A Maternidade e o Encontro Com a Própria Sombra: o resgate do relacionamento entre mães e filhos**. 3ªed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Anotações para um fenomenologia do infans na fase fetal. **Revista de Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 3, p. 295-298, 2017.

LOPARIC, Zeljko. A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal. **Infanto - Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência**, v. 7, supl.1, p.8-41, 1999.

ROMERO, Emilio; GALENO, Felipe. **Estações no Caminho da Vida: o desenvolvimento dos afetos nas diversas etapas da vida**. São Paulo: Della Bídia Editora, 2016.

ROMERO, Emilio. **As Formas da Sensibilidade: Emoções e sentimentos da vida humana**. 5ªed. São José dos Campos: Della Bídia Editora, 2011.

ROMERO, Emílio. **As Dimensões da Vida Humana: existência e experiência**. São José dos Campos: Novos Horizontes Editora, 1999.

VERNY, Thomas R; WEINTRAUB, Pamela. **O Bebê do Amanhã**: um novo paradigma para a criação dos filhos. São Paulo: Barany Editora, 2014.